

A EPISTEMOLOGIA DA DIFERENÇA¹

EPISTEMOLOGY OF DIFFERENCE

Lucrécia D'Alessio Ferrara²

Resumo

Partindo da observação de manifestações de minorias sociais ou culturais ou de todas as formas de exclusão, esse trabalho tem como objeto o estudo daquilo que, sem nome, se designa de modo geral como diferença enquanto característica comunicativa e, em consequência, se apresenta como desafio epistemológico. Nesse sentido, estuda-se a diferença entre as manifestações culturalmente reconhecidas como identitárias e hegemônicas, em contraste com aquelas outras consideradas “diferentes”. Entender o contexto dessa distinção poderia nos levar a apreender e descrever as manifestações que caracterizam a diferença fenomênica mas, nesse sentido, ela poderia ficar reduzida à sua dimensão temática que pode ser de interesse estudar, entretanto, não é esse o objetivo desse trabalho. Ao contrário, entende-se que o estudo da diferença se refere ao modo como a comunicação produz conhecimento; nesse sentido, aquele estudo adquire um viés epistemológico e vai muito além do possível interesse temático. Portanto, pergunta-se: como a epistemologia da comunicação poderia contemplar as diferenças sócio-culturais? Na tentativa de alcançar alguma resposta, estuda-se os predicados da comunicação das diferenças e, entre eles, salienta-se a alteridade como elemento inerente ao desafio epistemológico que se encontra nas manifestações de diferenças culturais.

Palavras-Chave: *comunicação, epistemologia, diferenças, alteridade*

Abstract

Based on the observation of manifestations of social-cultural minorities or all exclusion forms, the present work aims to study what, without a specific name, is generally designated as difference as a communicative characteristic and, therefore, presents as an epistemological challenge. In this sense, the difference between culturally recognized identity and hegemony manifestations is examined in comparison to others considered "different". Understanding the context of this distinction could help us perceive and describe the manifestations that characterize the phenomonic difference, however, in this sense, it could be reduced to its thematic dimension, which may be of interest to study, even though not the objective of the present work. Conversely, it is understood that the study of difference refers to the way through which communication produces knowledge; in that sense, such study acquires an epistemological bias and reaches far beyond its possible thematic interest. Therefore, we ask: how could the epistemology of communication contemplate socio-cultural differences? To find an answer, the characteristics of the communication of differences are studied and, among them, otherness is highlighted as an inherent element of the epistemological challenge found in the manifestations of cultural differences.

Key words: *communication, epistemology, difference, otherness*

1. AS PERGUNTAS DA DIFERENÇA

Em leitura recente fui surpreendida pela seguinte afirmação “ habitar com as diferenças é comunicação e a pesquisa em comunicação é um trabalho com as diferenças! (Oliveira, Figueroa, 2020). A surpresa é evidente considerando a natureza afirmativa da frase e, sobretudo, porque estimula perguntas ainda mais radicais: que é diferença? Por que a comunicação seria um modo de habitar e por que essa habitação seria aquela das diferenças?

¹ Trabalho proposto ao GT Epistemologia da Comunicação no XXX Encontro Nacional da Compós – 27-30 julho de 2021 – São Paulo/SP- PUCSP

² Professor titular do PPG Comunicação e Semiótica/ PUCSP IdFerrara@hotmail.com

Como a pesquisa em comunicação supõe trabalhar com as diferenças? Essa sequência de questões insinua, discretamente, que a afirmação anterior exige ser escaneada nas suas entrelinhas, a fim de ser possível perceber seus possíveis alcances. O objeto desse trabalho não estará voltado para o artigo apresentado na última Compós, mas seu interesse reside na análise da própria afirmação, ou seja, considerando as questões sugeridas por ela mesma.

Entender o contexto daquela afirmação poderia nos levar a apreender a própria diferença temática que pode ser de interesse estudar, entretanto, não é esse o objetivo desse trabalho. Ao contrário, entendemos que a diferença enunciada se refere à comunicação e pode não ter nada a ver com sua curiosidade temática. Insinua-se que a comunicação pode abrigar diferenças ou se apresenta como uma diferença, ou ainda, sugeriria outro interesse de pesquisa? Nesse último sentido, entende-se que a diferença sugerida se refere ao modo como a comunicação produz conhecimento; nesse sentido, a diferença adquire um viés epistemológico e vai muito além do possível interesse temático. Mas ainda assim pergunta-se: como a epistemologia da comunicação poderia ser aquela das diferenças? Considerando que se trata de uma indagação, sugere-se saber o que é comunicação, independente das suas diferenças.

2. ANTOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO

Para trabalhar com a dimensão epistemológica daquela indagação somos levados a investigar textos antológicos que estudam a natureza da episteme comunicacional e se apresentam como leitura obrigatória.

No sumário do célebre *As Palavras e As Coisas*, Michel Foucault registra elementos que apresentam interesse para esse trabalho, porque discriminam bases decisivas para uma operação científica que estuda *A Prosa do Mundo*. A materialidade daquela prosa exige que seja considerada como acontece e seus elementos mais incisivos estão contidos em ações explícitas: representar, falar, classificar. Portanto e enquanto prosa do mundo, entende-se que aqueles verbos e suas ações constituem a linguagem que, por sua vez, surge como sucedâneo da comunicação ao estar no mundo utilizando como veículo a palavra, mas também, como enigma que se deve decifrar para compreender o mundo ou a natureza.

Ao lado do mundo, a linguagem, entendida como comunicação, “faz parte da grande distribuição das similitudes e das assinalações” (Foucault, 1987: 51). As semelhanças escaneiam as aparências e as configurações procurando aquilo que aproxima o desconhecido, mas traduzindo-o, faz conhecer a partir daquilo que já se conhece. Busca-se, portanto, abreviar

o trabalho e, economicamente, procura-se elementos de aproximação e vizinhança para, de modo conveniente, assegurar a abrangência da semelhança comum a vários ou a muitos, superando assim o desconhecimento e possibilitando reconhecer, de modo quase especular, aquilo que eventualmente poderia ser diferente. Realça-se, nessa semelhança, a analogia que procura, no singular, a configuração do geral: supera-se a diferença e procura-se a simpatia que, ao aproximar, transforma o heterogêneo, a fim de ser possível conhecer, cientificamente, o homogêneo: “A simpatia transforma. Altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea...” (Foucault, op. cit.: 40). Conhece-se através daquilo que vai além do homogêneo, mas sem superá-lo, pois apenas lhe acrescenta outro predicado: são as assinalações, as marcas, os índices que indicam as diferenças no território das semelhanças e, assim, as transformam em contiguidade entre as palavras e as coisas. Desse modo, conhece-se o homogêneo superando as diferenças que a ele se opõem, mas ambos não se confundem pois, no território do homogêneo, distingue-se, não apenas através da materialidade das formas, mas sobretudo, através dos nomes que constituem, para a arqueologia da comunicação, um elemento essencial de distinção. (Ferrara, 2018: 25)

A fim de distinguir as homogeneidades, os nomes as singularizam, sem destruir as respectivas semelhanças. É a cultura das assinalações, do nominalismo de Guilherme de Ockhann que marcou a epistemologia da Idade Média, atravessou a Renascença e os séculos XVII e XVIII, acreditando ser possível conhecer através dos nomes que poderiam ser maiores do que o próprio mundo, pois seriam universais, na medida em que permitiam reconhecer e tornar visível, pelos nomes, as homogeneidades que se distinguiriam daquilo que, sem nome, tende a ser irreconhecível ou invisível. Ao lado dos nomes, origina-se o código que organizaria, através de escalas classificatórias, o homogêneo e excluiria as diferenças. O mundo aparenta ser homogêneo, a ordem é seu predicado maior e o modo pelo qual é possível produzir conhecimento. Conhece-se através das semelhanças, dos nomes e da ordem que, classificando, obscurece as possibilidades das diferenças:

“ Se as análises da representação, da linguagem, das ordens naturais e das riquezas são perfeitamente coerentes e homogêneas entre si, existe, todavia, um desequilíbrio profundo. É que a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade. A análise da representação tem, portanto, valor determinante para todos os domínios empíricos. Todo o sistema

clássico da ordem, toda essa grande *taxinomia*, que permite conhecer as coisas pelo sistema de suas identidades, se desdobra no espaço aberto no interior de si pela representação, quando ela se representa a si mesma: o ser e o mesmo têm aí ser lugar. A linguagem não é senão a representação das palavras; a natureza não é senão a representação dos seres; a necessidade não é senão a representação da necessidade.” (Foucault. Op. cit. : 223)

Nessa ordem de semelhanças traduzidas pela contiguidade entre todas as formas que se assemelham, e por um código que nomeia o mundo e o classifica cognitivamente, a comunicação é, sobretudo, mediação e se configura como um território passível de conhecimento, ou seja, a comunicação não se habita ou é habitada pelas diferenças, ao contrário, a comunicação habita a mediação de todos os dias e, através dela, habita a contiguidade entre formas semelhantes e nomes universais, porque assim são reconhecidos. Porém, um nome pode distinguir e se configurar como uma habitação, mas não pode identificar. Os nomes desconhecem as diferenças, porque as transformam em assinalações que entendem a comunicação como forma de dizer o mundo pelas suas analogias e o exibem através do modo como ele se mediatiza nas suas semelhanças. Essa mediação se comunica através dos veículos codificados através de semelhanças. Nesse território palmilhado pela investigação de Foucault, somos conduzidos a pensar a comunicação e a encontrá-la travestida nas homologias das mediações, previstas na cultura do conhecido e do previsível. O mundo se ordena e a comunicação desenha suas habitações através dos hábitos que estimula. A ordem desenha habitações da comunicação, e as transformam em hábitos que são crenças criadas pela própria ordem. As similaridades contiguas são a habitação original da comunicação que, por sua vez, é criadora de crenças em movimentos homogêneos. Nessa linha de reflexão, a comunicação não pensa diferenças, ao contrário, seu interesse maior pode estar voltado para a necessidade de encontrar, nas diferenças, as similaridades ou analogias que podem transformá-las em homologias: *“É nesse sentido que a arqueologia pode justificar a existência de uma gramática geral, de uma história natural e de uma análise das riquezas, e libertar assim um espaço sem fissuras onde a história das ciências, a das ideias e das opiniões poderão, se o quiserem, se entreter.”* (Foucault, Op.cit.: 223)

Em data mais recente ao nosso momento de estudo e em texto famoso publicado em 2007, Muniz Sodré investiga as características subjacentes à episteme da comunicação e salienta, além dos elementos já apresentado por Foucault, outras variáveis reconhecidas de longa data:

1. A comunicação apresenta uma filiação parasitária em relação a áreas notórias e reconhecidas das ciências sociais (sociologia, antropologia, psicologia, economia, estudos culturais, etc) e essa filiação a atinge, estabelecendo-lhe uma dimensão envolvida no cerne ontológico daquelas ciências e, exatamente por isso, a comunicação confirma sua natureza social que, enquanto fenômeno, se apresenta através dos meios. Embora se apresente através dos meios que atuam como suportes da sua dimensão fenomenológica, a comunicação os estuda para reconhecer um objetivo tanto mais insistente, quanto mais se multiplicam os dispositivos instrumentais da comunicação. Ou seja, desde a antiguidade grega, a comunicação encontra, nos seus suportes tecnológicos ou não, um viés que a torna distinta entre as demais áreas dos estudos sociais e são os meios que lhe conferem caráter epistemológico específico: não podemos comunicar à revelia dos meios que sustentam e permitem traçar diferentes modos expressivos da comunicação. Mas, eles a constituem, sem esgotá-la ou definir. Esses meios são apenas recursos expressivos e, enquanto tal, assinalam distintas configurações fenomenológicas, mas ainda insuficientes para assinalar uma diferença no modo de produzir conhecimento. Ou seja, os estudos dos meios estão atrelados às respectivas descrições significantes, mas não chegam a nos dizer como produzem conhecimento ou como podem alicerçar uma epistemologia.
2. Considerando os autores citados, responsáveis por alguns alicerces científicos da comunicação considerada nesse trabalho, e as datas nas quais aqueles alicerces foram enunciados, observa-se que a comunicação é ciência jovem e sua história está marcada pelo impacto dos seus meios que permitem uma utilização instrumental de notória eficiência administrativa. Essa história assinala o caráter funcional da comunicação que apresenta diminuto interesse epistemológico próprio, pois confirma o anterior caráter parasitário da comunicação enquanto área científica.
3. Dependente dos meios expressivos, a comunicação surge marcada pelo vértice temporal que assinala a própria evolução tecnológica dos meios. Porém, se por um lado, as últimas décadas do século XX assinalam a globalização econômica do mundo, por outro, expõem o desenvolvimento de tecnologias, entendidas como responsáveis por outra concepção geopolítica do espaço, enquanto o tempo surge reduzido ao presente do agora. No caráter revolucionário da inflexão desse vértice temporal, a comunicação tem sua atuação parasitária confirmada. Agora é apêndice da informação,

entendida, por sua vez, de modo reduzido e supérfluo como pacote de dados, a serem transmitidos pela comunicação das novas tecnologias.

4. Nesse vértice temporal que exige ser historicizado considerando a relevância da cisão do tempo histórico, ressalta-se o caráter expressivo dos meios, através dos quais a comunicação se consolida. O discurso, o gesto, a voz, o tato, a fotografia, o cinema, o rádio a televisão e, agora, o digital são meios expressivos da comunicação e, como máquinas significantes (Lazzarato, 2006: 153), conduzem e transmitem as forças sociais constituídas pela opinião pública, tendente à mimese e à repetição. Ao lado dos meios, o advento das mídias constitui novo vetor da opinião pública com efeito orgânico sem precedentes. Apresenta-se outro objeto científico da comunicação, entendido como elemento capaz de afetar e consolidar aquele domínio público (Tarde, 2005: 59). A mídia afeta crenças, valores, comportamentos e é consumida pelo corpo que absorve todos os apelos midiáticos, até transformar-se em mídia de si mesmo. Embora o conceito de corpo-mídia proposto por Katz e Greiner (2001) tenha sido desenvolvido para atingir bases analíticas mais ambiciosas, considera-se que é eloquente para designar o que aqui se pretende, ao aproximarmos o conceito anterior à dimensão do corpo atingido de modo midiático. Propomos entender corpo-mídia aquele que, liderado pelos dispositivos móveis, é expandido no tempo e no espaço ou complementado por próteses cibernéticas, utilizando dispositivos biológicos construídos pela nanotecnologia ou pela medicina celular que apresentam novo caráter imunológico da existência, agora acoplada aos mídias. (Esposito, 2005: 205) É esse corpo atravessado pelas mídias que Sodré chama de biosmidi tico e o entende ampliado como “sociedade midiaticizada enquanto esfera existencial capaz de afetar as percepções e representações correntes da vida social, inclusive de neutralizar as tensões do vínculo comunitário” (Sodré, 2010: 21)
5. Neutralizando aquelas tensões, Muniz Sodré entende que o biosmidi tico é “a configura o comunicativa da virtualiza o generalizada de existência”(Sodré, 2010:21), mas   também o agente contemporâneo daquele corpo que ocupa o território liderado pelos distintos dispositivos midiáticos, transformados em novo poder político controlador da vida. Dessa forma, o biosmidi tico é o novo nome da comunica o liderada pelas m dias. Paradoxalmente, exhibe e, conforme as defini es do próprio Muniz Sodré, confirma a ambivalência dupla e dúbia (Bateson, 2006: 256) que se torna

marcante, quando se considera a comunicação midiática como ação neutralizadora do próprio vínculo comunitário, definido pela dimensão midiática que o constitui. Ou seja, a comunicação contemporânea é midiática, mas a mídia neutraliza a própria ação comunicante. Um biosmidiático que se define por aquilo que a comunicação, talvez, desejasse negar: o poder sobre a vida do corpo, um biopoder.

Nos dois textos antológicos escolhidos para introduzir esse trabalho, encontramos respostas para as perguntas que pretendem definir a comunicação. Mas, na abrangência da definição que se entende exaustiva, continua submersa a dimensão da diferença, requisitada pelo provocativo convite, constante na frase colhida em recente leitura e com a qual se inicia esse trabalho. Na representação que assinala a comunicação como regularidade mediativa, não se encontra espaço para diferenças. Ao contrário, nos dois autores, selecionados entre muitos outros, apreende-se um consenso capaz de produzir a compreensão da comunicação como exercício significativo, através do qual é possível entender o que se conhece e se conceitua como suficiente dimensão científica da comunicação. Observa-se que aquele exercício é assumido como elemento voltado para estabelecer a camada significativa da linguagem e, através dela, a comunicação como ciência voltada para a apreensão de regularidades que se reproduzem, na medida em que a área se reconhece e se consolida através dos meios que a mediatizam. Excluem-se ou superam-se variáveis não ponderáveis, porque tenderiam a prejudicar a solidez conceitual do conhecimento que apresenta claras definições e hierarquias condutoras das suas representações, marcas que assinalam suas características e nomes que as identificam. Regularidades reprodutivas por semelhanças, hierarquias de valores e, sobretudo, elementos que assinalam um nome e criam condições para estabelecer uma área reconhecida e identificável como totalidade científica.

Evidentemente, se a tendência à regularidade reprodutiva de semelhanças ocorre como realidade veicular e é característica de uma totalidade científica, nela não cabe qualquer referência à percepção de diferenças. Nesse sentido, e reconsiderando a afirmação com a qual se iniciou esse trabalho, persiste a questão: seria adequado considerar a possibilidade de elaborar, no território da comunicação, uma epistemologia das diferenças?

3.A COMUNICAÇÃO DA DIFERENÇA

O título desse subitem exige atenção, porque se refere não à diferença que nos leva a distinguir elementos díspares entre realidades que comungam de outras qualidades comuns, ou seja, não

se refere à diferenciação entre comunicações que são divergentes, apenas em algum aspecto. Ao contrário, refere-se a um substantivo que se caracteriza, em si mesmo, pela diferença que o constitui enquanto comunicação. Esse sentido que parece convergir para a frase inicial desse estudo, salienta-se que a comunicação da diferença estabelece um modo outro de ser comunicação, o que significa dizer que aquele modo não seria indiferente ou insignificante porque, e sobretudo, não seria indeterminado: insinua-se um outro modo de ser comunicante ou de produzir comunicação. A diferença distingue-se na comunicação, mas não se distingue da comunicação; a diferença determina-se como outra comunicação ou outro modo de entender o comunicar da comunicação.

Mas como entender essa diferença? Seria possível entendê-la como aquilo que se determina através de características que se distinguem dos tradicionais elementos definidores da comunicação, como foi entendido nos itens anteriores desse trabalho? Nesse sentido, a diferença da comunicação seria um anexo da comunicação, mas à revelia das características que a nomeiam e procuram evidenciá-la como totalidade científica? A diferença seria comunicação, mas não se alojaria no território hegemônico que define a comunicação como ciência? Ou a diferença só é passível de compreensão, se for definida como desigualdade?

No conjunto dessas perguntas, só poderemos entender a aporia proposta no trabalho, se considerarmos a diferença, no seu próprio modo de produzir comunicação. Portanto, devemos nos afastar das definições usuais da comunicação e superar a lógica que estabelece as regularidades das semelhanças, das assinalações que estão na origem dos nomes e da ordem que lhes é correlata e matriz das classificações que hierarquizam e constroem um conceito que se apresenta como totalidade indiscutível.

Nesse sentido, a comunicação das diferenças se propõe como necessidade de revisão das certezas difundidas e aceitas como hegemônicas e indiscutíveis. Ou seja, uma comunicação das diferenças estaria propondo urgente revisão epistemológica das certezas da comunicação e deveria voltar-se para a percepção do imponderável que, embora empírico, não é reconhecido como comunicante. Uma comunicação das diferenças supõe uma epistemologia da comunicação que considere as diferenças e, incluindo-as, se constitui. Nesse sentido, é necessário tentar alcançar os predicados das diferenças que se fazem comunicantes.

4. OS PREDICADOS DAS DIFERENÇAS COMUNICANTES

A diferença se apresenta de modo empírico e se faz reconhecer através de uma potência de ser comunicante, porém, sem intencionalidades ou objetivos estabelecidos. Ao contrário, sua potência decorre da natureza que, diferente, a propõe como algo estranho ou novo e surpreende uma percepção habituada ao estabelecido e criada, frequentemente, pela própria insistência biosmidiática. Ou seja, o diferente produz estranhamento e, nesse sentido, não espanta constatar que a diferença não seja reconhecida como comunicante. Embora apresente frequências empíricas que lhe são conferidas pelo contexto em que surgem e tendem a ser registradas por distintas técnicas etnográficas, elas não são reconhecidas como diferenças, pois tendem a ser descritas a partir de traços análogos ou homólogos a características reconhecidas e já apontadas por Foucault e por Sodré. Empírica não é considerada nas respectivas *empiricidades* de diferenças, ao contrário, procura-se, não raro, descrevê-las a partir de elementos já reconhecidos na cultura entendida como hegemônica ou reconhecida na oficialidade do similar. Essa realidade caracteriza o que ocorre com culturas étnicas, sociais, culturais e econômicas díspares ao estabelecido e, quando reconhecidas nas suas diferenças, são consideradas diaspóricas, tendo em vista o descompasso que apresentam em relação à cultura hegemônica. Ou seja, nessa condição, essas culturas não têm valor a ser reconhecido pelo padrão cultural estabelecido de modo hegemônico e, frequentemente, os meios comunicantes que as veiculam e as fazem circular não são identificados enquanto diferentes. Se confrontarmos essa potência com as teorias apontadas no início desse trabalho, é fácil entender a razão pela qual é difícil reconhecer o domínio empírico das diferenças: na ausência de um nome sinalizador, não é possível à hegemonia comunicante encontrar similaridades que as identifiquem e caracterizem. É essa a realidade que surpreendemos em hábitos, valores, comportamentos ou vocabulários que apontam a diferença, mas são descritos como curiosidades de distintos domínios desconhecidos e diaspóricos. Na comunicação, a diferença apresenta potência empírica, mas é anônima e, nessa condição, apresenta outra ética na qual se misturam distintas culturas diaspóricas ou de exclusão que quase não se revelam ou são passíveis de reconhecer:

Desde el punto de vista de una ética todos los existentes, todos los entes son vinculados a una escala cuantitativa que es la de la potencia. Tienen mas o menos potencia. Esta cantidad diferenciable es la potencia. El discurso ético no cessará de hablarnos no de las esencias – no cree en las esencias- sino de la potencia, a saber:

las acciones y passiones de las cuales algo es capaz. No lo que la cosa es, sino lo que es capaz de soportar y capaz de hacer. (Deleuze, 2008: 75)³

Embora anônima, a diferença tem a potência de comunicar mas, registrando-se empiricamente, não pode ser reconhecida porque sua potência é ética e supõe, igualmente, uma ética da comunicação capaz de reconhecer aquilo que se distancia da sua uniformidade. Uma ética que seja reconhecida na medida pela qual, na sua tradução científica, constrói uma epistemologia que admita a ausência de um nome/identidade e admita uma anormalidade fenomenológica que, diferente, não se deixa reconhecer pelas suas semelhanças e homologias.

Ao lado dessa estranha identidade anônima, outro predicativo da diferença diz respeito à sua forte tendência à “exponibilidade” e consequente dimensão perceptiva. Embora anônima, é próprio da diferença fazer-se perceber pela própria potência comunicante anômala, ou seja, faz-se perceber pela sua diferença. As diferenças expõem-se e querem-se visíveis, entretanto essa visibilidade não apresenta características midiáticas, ao contrário, estão voltadas para o autorreconhecimento da própria diferença. Ou seja, a percepção é acompanhada pela observação do diferente, porém ele se apresenta como um descompasso com a simetria da própria dimensão midiática que caracteriza a comunicação codificada e, através da qual, mais densamente se manifesta nossa experiência regular do mundo. Desse modo, ao lado da manifestação empírica, tem-se a forte percepção do diferente que é, tanto mais incisiva, quanto mais densamente é submetida à observação e à comparação, que se fazem perceptivas, exatamente pelo que apresentam de diferença ou ruptura da similitude, patrocinada pela ordem da linguagem mediatizada.⁴ O diferente se faz notar exatamente quando se considera a imprevisibilidade do seu acontecimento que não se impõe, porque não é veiculado pela transmissão, ao contrário, é vincutivo na medida em que nos toca e nos permite perceber e distinguir seus vínculos culturais. No mesmo texto citado anteriormente, Muniz Sodré observa, de modo eloquente, esse vínculo comunitário:

³ Do ponto de vista de uma ética, todos os existentes, todos os entes estão vinculados a uma escala quantitativa que é aquela da potência. Têm mais ou menos potência. Essa quantidade diferenciável é a ‘potência. O discurso ético não cessará de falar-nos das essências – não acreditam nas essências- mas na potência, a saber, as ações e paixões das quais algo é capaz. Não naquele sentido do modo como alguma coisa é, mas naquilo que é capaz de suportar e é capaz de fazer. (Deleuze, 2008:75)

⁴ Na dinâmica do formalismo russo das primeiras décadas do século XX, Victor Chklóvski propõe o estranhamento que, como categoria de análise, se refere à percepção difícil voltada para a atenção despertada pelo insólito: descobre-se a densidade do universo através de novas percepções que se opõem ao peso da rotina e do hábito. (Ferrara, 2009: 34)

É o conceito de comunidade (e não qualquer entidade comunitarista) quem nos diz que ser é estar-junto, é ser-com. A proposição deixa ver o afastamento ou a diferenciação que, entretanto, nos relaciona ou vincula aos outros, entendidos não como sujeitos constituídos, mas como uma exterioridade, para a qual se abre originariamente o si mesmo. Para vincular-se, é preciso que cada um perca a si mesmo, que lhe falte o absoluto domínio da subjetividade e da identidade em função da abertura para o outro. (Sodré, 2007: 21)

Nessa dimensão vinculativa do comunicar, sobressaem manifesta es empíricas e perceptivas e a diferença apresenta, como consequência natural do seu fazer-se, um predicado responsável pelo seu movimento reflexivo e, naturalmente, epistemológico. Nessa epistemologia, emerge a percep o de um vínculo comunicativo duplo e dúbio, conforme propõe Bateson na sua epistemologia do “duplo vínculo” ou epistemologia dos processos mentais. Ao contrário das manifesta es da comunica o das regularidades, a diferença propõe a reflexão e exige a constru o de uma epistemologia na qual a percep o se torna aguda e incisiva, porque movimentada pelo desafio inusitado e instável das diferenças:

.....nuestros mecanismos humanos de percepcion – nuestros organos sensoriales-pueden recibir noticias sólo de diferencias. Y dentro de la amplia categoria de diferencias, solo podemos percibir aquellas que son ya eventos en el tempo o que pueden convertir-se en eventos en el tempo.....Permitaseme concluir retornando al cambio al que me referí antes cuando dije que la primera pieza suelta era la palabra “estable”. Cuando me libert  de la palabra “estable” hall  una gran puerta abierta a todo un universo de pensamiento, a la revisión de otros aspectos y otros modos de integrar la vida...Hay una posibiliadd de cambio en el sistema de todas essas estructuras generadas.. (Bateson, 2006: 304, 367)⁵

O modo como Bateson se refere ao mundo mental nos d  clara dimensão da import ncia da percep o para uma epistemologia das diferenças, porém, não como referência a diferentes

⁵ ...nossos mecanismos humanos de percep o – nossos órgãos sensoriais – podem receber, apenas, notícias de diferenças. E dentro da ampla categoria das diferenças, s[ o] podemos perceber aquelas que já são eventos do tempo ou que podem converterem-se em eventos com o tempo....Permitam-me concluir retornando   mudança a que me referi antes, quando disse que a primeira peça solta era a palavra “estável!”. Quando me libertei da palavra “estável!” Descobri uma grande porta aberta para todo um universo de pensamento,   revisão de outros aspectos e outros modos de integrar a vida. ...Ha uma possibilidade de mudança no sistema gerado por todas essas estruturas. (Bateson, 2006: 304 e 367)

manifestações fenomênicas da experiência, mas como dimensão de percepção que nos leva a refletir sobre o modo como percebemos o mundo e, sobretudo, como o organizamos a fim de ser possível superar o instável e o desconhecido e estabelecer confortáveis relações de causalidade que, com frequência, são responsáveis pela enganosa economia perceptiva do mundo sem diferenças. Ou seja, essa dimensão comunicativa da diferença não se ocupa das matrizes codificadas pelo pensamento hegemônico, pois simplesmente as desconhece. Ou seja, as diferenças prescindem das similitudes e dos nomes que distinguem e assinalam, porque seus meios expressivos são vinculativos, espontâneos e novos a cada comunicação.

Ao contrário, no mundo das ideias e da produção do conhecimento, o que conta são as abduções que promovem ideias novas e vão muito além de simples relações de causa e efeito. Desse modo, a diferença se escreve como mundo paralelo àquele estável e ordenado de um conhecimento cifrado pela similaridade e pela simetria. Nesse sentido, a diferença é, sobretudo, assimétrica e sem referência, um mundo paralelo que precisa ser reconhecido como tal, porque se comunica através dos vínculos que estabelece e afetos que promove.

A comunicação vinculativa é outro predicado da diferença. Estranha, anônima, mas empiricamente perceptiva pela dimensão daquilo que não se deixa dizer, a comunicação da diferença é, antes de tudo, uma provocação dirigida ao outro que a investiga e percebe que, admitir a diferença, constitui sua única possibilidade de diálogo. Mais do que qualquer outra dimensão que possa caracterizá-la, a diferença da comunicação tem sua eloquência voltada para a alteridade.

Embora sem historicidade passível de ser reconhecida pela simples transmissão narrativa, a comunicação das diferenças não está à deriva. Na dimensão comunicativa da diferença, tudo merece e deve ser considerado e estão definitivamente distantes as ideias de tradução da diferença da cultura às matrizes monológicas da simetria, regulada pela ordem e pela homologia das formas de pensar institucionalizadas e, assim, mediatizadas.

Ao contrário, uma epistemologia da comunicação em diferença é notável pela flexibilidade interativa que a caracteriza. Mais complexa do que a mediação, a interação se faz urgente em um mundo marcado pelas oposições geradoras de tensões e polarizações midiáticas. Para a comunicação das diferenças, o instável lhe é ontológico, mas ele se faz compreensivo pelas complexas interações que se fazem expressivas e exigem ser reconhecidas, na medida em que se constrói a rede que configura e entrelaça as diferenças sociais e culturais.

Na sociedade midiaticizada marcada pelo tempo presente de um aqui e agora sempre recomposto e reconstruído, a diferença é quase sempre mal traduzida pela polarização entre elementos que não se apresentam como diferentes, mas como opostos, visto que tudo é ordenado pela lógica do homogêneo. Nessa lógica, não há espaço reflexivo ou ideológico para as diferenças que vinculam, mas não necessariamente mediatizam.

No universo da comunicação hegemônica dos meios, os corpos são interferidos pela mídia e, como consequência, fazem-se corpos-mídia na perseverante criação de uma midiaticização que mimetiza, na comunicação, o mesmo percurso monológico dos meios e, dessa forma, tende a embaçar, através da simetria funcional que lhe é característica, toda a diferença dos corpos não midiáticos, mas que podem ser atuantes, quando críticos das suas diferenças.

Nesse contemporâneo, a comunicação das diferenças é agente da alteridade e do papel político inerente à comunicação, entendida como crítica de si mesma. Instala-se outra comunicação inerente à alteridade. Ou seja, a cultura da diferença encontra, no outro, um espelho que, através da comparação, lhe permite processar um autorreconhecimento: nesse processo, a diferença importa. Surge outro predicado e exhibe-se uma política das diferenças de alteridades comunicantes.

6.A ALTERIDADE COMO DIFERENÇA COMUNICANTE

Embora a influência de Heidegger seja marcante na filosofia da modernidade e Derrida e Deleuze tenham se distanciado dela, porque a entenderam como impulsionadora da filosofia da presença que assinala o modo de pensar do ocidente europeu, torna-se necessário salientar a contribuição dos dois filósofos. Embora enunciadores de conceitos como desconstrução e pós-modernidade que são importantes para entender a potência ética subjacente aos processos de alteridade, aqueles filósofos não foram suficientes para desligar a filosofia europeia daquela presença metafísica procurada pela hermenêutica e pela arqueologia. Porém, essa procura pelas origens da diferença fica aquém das irregularidades que a caracterizam e, sobretudo, não nos leva a entender aquela diferença da alteridade que, como tal, se faz comunicante.

O desafio construído pela diferença não se faz presente ou ausente como desconstrução ou afirmado como dimensão de uma cultura pós-moderna, ao contrário, ela surge em um estágio anterior aos conceitos e se apresenta como desafio e instigante estímulo para entender a alteridade comunicativa. Nesse sentido, está distante da mediação epistemológica dos conceitos, pois se aproxima de um agir capaz de construir uma ação singular que não se

conceitualiza embora, paradoxalmente, entendida como comum a todos. Em comunicação, esse é o desafio epistemológico da diferença e o eixo vincutivo da alteridade, entendida como correspondência sensível da diferença que está longe dos conceitos que pretendem torná-la inteligível. (Ibri, 2020:31) Nesse sentido, diferença passa a ser o exercício cotidiano e sensível da desigualdade que nos incomoda, constitui diferença que faz a diferença e se revela como informação que, nova, se faz insistente pelas diferenças que nos desafiam. (Bateson, 2006: 289-290)

A diferença pode ser reconhecida como aquilo que escapa à ordem do mundo, opõe-se à simetria do mundo e, sobretudo, àquela identidade reduzida a um nome. A diferença surge como desafio à imaginação do outro e sua epistemologia não se deixa conceituar, mas pode ser inventada e arriscar uma hipótese nova, que considere um autorreconhecimento através do outro. Através do reconhecimento do outro, os diferentes apreendem que todas as diferenças importam. Portanto, a dimensão política do mundo subjaz a todas as formas de exclusão que exigem indispensável resposta, feita de reação e resistência.

Portanto, perceber a diferença é considerá-la na instância significativa que não se deixa conceituar ou desmontar, mas que se considera como outra realidade em confronto com aquilo que se reconhece pela ordem. Perceber a diferença solicita um percurso cognitivo que transforma a mediação dos meios, em mediação de diferenças que nos atingem e precisamos reconhecer a fim de, com elas, aprender a conviver. Uma dimensão epistemológica da mediação que se propõe a prestar atenção àquilo que se opõe ao ordenado e admitido pelo hábito, para flagrar outras interações comuns às singularidades de diferenças comuns a muitos, embora sempre imprevisíveis ou indeterminadas e, portanto, novas. No contemporâneo, a nova ordem planetária impõe, não apenas considerar, mas conviver com diferenças e essa é a nova face do mundo mediada pela tecnologia, mas adaptada e sensível à mediação das diferenças que habitam o mundo, mas estão além dos meios e dos nomes.

Como diferença perceptível por todos e assim refletida, entende-se que a alteridade não se refere a um outro singular. Ao contrário, esse outro é múltiplo e, portanto, reconhecido como diferença cotidiana e constante. Nesse sentido, temos multiplicação de diferenças em confronto, a fim de produzir um senso comum de sentido ético para todos e no horizonte de expectativa de aprendizagem para uma *democracia radical* :

Os novos direitos que hoje são reclamados são expressão de diferenças cuja importância só agora começa a ser afirmada e deixaram de ser direitos que possam ser universalizados. A democracia radical exige que reconheçamos a diferença – o particular, o múltiplo, o heterogêneo – tudo o que, na realidade, tenha sido excluído pelo conceito abstrato de homem. O universalismo não é rejeitado, mas particularizado; o que é necessário é um novo tipo de articulação entre o universal e o particularUm projeto de democracia radical e plural, pelo contrário, exige a existência de multiplicidade, de pluralidade e de conflito e ver neles a *raison d'être* da política. (Mouffe, 1996:27/33)

Nessa multiplicação, a ética não pode ser substituída pela moral que convalida o mais forte ou convincente. Surge a ideia do diálogo como conhecida prática política, mas observa-se que ela não acontece em território de iguais e, portanto, prescinde da salvaguarda de uma dúbia neutralidade. O diálogo de uma política da comunicação ocorre no âmbito da própria diferença que desloca qualquer forma de inteligibilidade construída por uma neutralidade supostamente dialogante. Ao contrário, na diferença tudo nos desafia e precisamos tomar partido que pode ocorrer através da troca entre diferenças. Essa troca anuncia o diálogo entre diferenças que respondem e se correspondem nas suas diferenças e, portanto, estão sempre longe de uma igualdade identificadora ou conceitual. Apenas dessa forma, pode-se pensar em diálogo produtivo de diferenças permitidas e assumidas, porque se expressam nos seus próprios termos, sem ceder o passo a qualquer possibilidade de um anódino bom senso.

No diálogo entre diferenças, não cabe pensar em consenso, ao contrário, faz-se política na medida em que se permite e admite a divergência como forma genuína da dimensão política da alteridade, entendida na diferença que se faz resistente às possibilidades do acordo entre opiniões. Não raro, esses acordos se apresentam como acolhedores, mas poderosos, ao procurarem transformar o confronto entre diferenças em acordo tecido como espetáculo de decisão que se quer dialogante, mas pode fazer prevalecer a opinião dos mais poderosos ou dos mais fortes. Ao contrário, esse acordo que, embora desejável ou possível, é dúbio e imprevisível, se faz na fronteira (Lotman, 1996: 26)⁶ entre posições em confronto que não são neutras, mas disponíveis ao debate inerente à dimensão política da comunicação. Essa

⁶Yuri Lotman, define o conceito de semiosfera através de outro conceito: a fronteira como “película que cobre nosso planeta e se reduz a limitar a penetração do externo ao interno...No nível da semiosfera... a semiotização do externo é convertida em informação.” (Lotman, 1996: 26)

disponibilidade delinea a dimensão ética de uma política das diferenças e assinala, para a comunicação, outra responsabilidade ao assumir posições políticas.

Desse modo, aquele diálogo refere-se à possível dimensão de alteridades que se reconhecem nas suas diferenças e assim esperam ser reconhecidas. Nesse sentido, a diferença não se propõe à inclusão monológica de valores propostos sob forma de neutros acordos de opiniões despidos de diferenças, mas se apresenta e assim deve ser entendida, assumida e disponível ao diálogo entre diferenças como base própria a uma ética política da comunicação entre alteridades. (Bakhtin, 2010: 41) No horizonte dessa política da comunicação desenhada pela midiaticização de diferenças, não cabe a neutralidade de consensos ou pontos de vista em comum, ao contrário, pensa-se uma epistemologia da comunicação voltada para a crítica do modo como se apresenta, se estuda e se faz comunicação. A epistemologia do contemporâneo não pode estar voltada, apenas, para saber como se produz conhecimento em comunicação, mas como é possível viver e construir ciência na insólita comunicação das diferenças.

6. Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Para Uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010
- BATESON, Gregory. **Una Unidad Sagrada Pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente**. Barcelona: Gedisa, 2006
- DELEUZE, Gilles. **En Medio de Spinoza**. 2ª ed. Buenos Aires: Cactus, 2008
- ESPOSITO, Roberto. **Immunitas Protección y Negación de la Vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A Estratégia dos Signos**. São Paulo: Perspectiva, 2009(3ª ed.)
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. "Os Nomes na Arqueologia da Comunicação" em **A Comunicação Que Não Vemos**. São Paulo: Paulus, 2018
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e As Coisas**. Martins Fontes: São Paulo, 1987 (4ª ed.)
- IBRI, Ivo. "Tópicos para uma Poética da Alteridade" em **Semiótica e Pragmatismo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020
- KATZ, Helena e GREINER, Christine "Corpo e Processos de Comunicação" em **Nova Fronteira – Estudos Midiáticos vol III nº 2**, São Leopoldo/Unisinos: dezembro de 2001
- LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- LOTMAN, Yuri **La Semisfera I Semiotica de la Cultura y del Texto**. Madrid: Catedra, 1996
- MOUFFE, Chantal. **O Regresso do Político**. Lisboa: Gradiva, 1996
- MUNIZ SODRÉ, "Sobre a episteme comunicacional" em **Matrizes/ Revista do PPG em Ciências da Comunicação da USP**, Ano 1- São Paulo: Eca/Usp: 2007
- OLIVEIRA, Luciana, FIGUEROA, Júlio Vitorino. **Pensar a Comunicação Intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos interdisciplinares**, XXIX Encontro Anual da Compós, 2020 (on line)

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas** . São Paulo. Martins Fontes, 2005